



**DA IMPERFEIÇÃO AO ACONTECIMENTO E ACIDENTE:
PERCURSOS SEMIÓTICOS**

**DE L'IMPERFECTION TO EVENT AND ACCIDENT:
A SEMIOTIC PROCESS**

Bruna Paola Zerbinatti
USP – Universidade de São Paulo

RESUMO: Partindo do livro de Greimas, *Da Imperfeição* (2002), publicado originalmente na França em 1987, tomamos diversos conceitos da semiótica atual, com o intuito de verificar como tais conceitos se relacionam entre si e com aqueles expostos no livro de Greimas. Deste modo, nossa proposta é estudar os conceitos de “campo de presença”, proposto por Claude Zilberberg e Jacques Fontanille (2001); “acontecimento”, de Zilberberg (2006), e “acidente”, de Landowski (2006).

PALAVRAS-CHAVE: *Da Imperfeição*; Acontecimento; Acidente; Campo de Presença.

ABSTRACT: Considering Greimas' book *De l'imperfection* (2002), published in 1987, we intend to discuss some concepts from the semiotics focusing in the way they are related and constitute a kind of process of development to the theory. Besides the book *De l'imperfection*, we study the concept of presence, as proposed by Claude Zilberberg and Jacques Fontanille (2001); Event, as proposed by Claude Zilberberg (2006) and accident, by Landowski (2006).

KEYWORDS: *De l'imperfection*; Event; Accident; Presence.

INTRODUÇÃO

Iniciamos o presente trabalho refletindo um pouco sobre a seguinte passagem de Gaston Bachelard, contida na introdução de *A Intuição do Instante* (2007):

No reino do próprio conhecimento há, assim, um erro original: o de ter uma origem; o de faltar à glória de ser intemporal; o de não despertar a si mesmo para permanecer como si mesmo, mas esperar do mundo obscuro a lição de luz. (p.11)

Se o conhecimento tem de fato uma origem, temos que concordar que os limites desta origem nem sempre são bem delimitados e que a história da ciência não se faz

implicativamente, para usar um termo de Zilberberg.¹ Entretanto, porque o conhecimento ‘não desperta a si mesmo’ mas floresce partindo de sementes anteriores, ainda que quando desabrochada a flor seja de nova espécie, é possível traçar um percurso de certos conceitos ou de uma teoria.

Enveredamo-nos por tal desafio, com o intuito de apontar semelhanças entre conceitos da semiótica atual, de diferentes perspectivas, e mostrar o quanto parecem derivar de Greimas. Assim, tomamos como base o livro *Da Imperfeição*, e propomos uma discussão sobre os conceitos de “campo de presença”, apresentado em *Tensão e Significação* (2001), de Jacques Fontanille e Claude Zilberberg; “acontecimento”, desenvolvido por Claude Zilberberg em *Eléments de Grammaire Tensive* (2006) e outros artigos e, por fim, “acidente”, proposto por Eric Landowski em *Les Intéractions risquées* (2006).

I. DA IMPERFEIÇÃO

Sabe-se que, em seus primórdios, a semiótica de Greimas privilegiava o ‘inteligível’, com a finalidade de verificar como se dava a construção de sentido nos textos, e havia grande interesse pela operacionalização do modelo semiótico. A questão da narratividade era central para o modelo desenvolvido a partir dos trabalhos de Vladimir Propp. Entretanto, com o avanço da teoria, outras questões foram colocadas e surgiu a necessidade da introdução do ‘sensível’, em outras palavras, fez-se necessária uma certa reformulação teórica para dar conta dos conteúdos passionais. A publicação de obras como *Da Imperfeição e Semiótica das Paixões* mostra essa tentativa e, a respeito da primeira, questiona Eric Landowski:

Depois de ter-se ocupado das relações internas de tantos **pares célebres** [...], ao enxergar agora o casamento anunciado da ‘sensibilidade’ com o ‘inteligível’, qual vai ser a atitude da semiótica, e quais seus objetivos? Irá esforçar-se para manter cada um dos protagonistas bem separado do outro em nome da clareza e da conservação das categorias conceituais herdadas da tradição ou, deliberadamente, se empenhará em favorecer sua união esperada e, há de se supor, feliz? (2002, p.129)

Muitos estudos têm sido feitos nesse âmbito nos últimos anos, menos com a finalidade de substituir a semiótica “clássica” que de propor novos modelos, novas semióticas. Dentre esses estudos, destacam-se os trabalhos de Claude Zilberberg, principalmente no que dizem respeito à tentativa de categorização do nível profundo por meio da tensividade. Por outro lado, houve também a preocupação com os objetos sociais, liderada pelo teórico Eric Landowski, que visa propor uma sociossemiótica.

Com um título que de imediato suscita a curiosidade do leitor, *Da Imperfeição* é o último livro individual de Greimas, publicado em 1987. A partir de textos dos mais variados autores, de Tanizaki Junichiro a Rilke, passando por Julio Cortázar, Michel Tournier e Ítalo Calvino, o autor observa como se constitui a apreensão estética e quais são seus elementos. Como elementos constitutivos da apreensão estética, aponta em um fragmento do romance *Sexta-feira ou Os Limbos do Pacífico*, de Michel Tournier, “a inserção na cotidianidade, a espera, a ruptura de isotopia, que é uma fratura, a oscilação do sujeito, o

¹ Claude Zilberberg (2006) coloca a implicação e a concessão como o que ele chama de *modos de junção*, conforme veremos mais adiante. A lógica implicativa é aquela do previsível, se a então b. Já a lógica concessiva comporta um inesperado, uma concessão: embora a, entretanto b.

estatuto particular do objeto, a relação sensorial entre ambos, a unicidade da experiência, a esperança de uma total conjunção por advir”. (2002, p.30)

Em linhas gerais, o que se passa é que temos um sujeito inserido em um cotidiano que pode ser considerado como dessemantizado e então, através de uma fratura, de um inesperado que irrompe, chega-se ao momento da apreensão estética em que, muito mais que em conjunção, sujeito e objeto encontram-se em fusão. Tem-se assim um momento de perfeição que não pode durar, visto que tal fusão acarretaria uma perda de sentido para o sujeito o qual, devolvido a seu estágio anterior, encontra-se então munido de certa nostalgia, a nostalgia da perfeição. Greimas desenvolve ainda a interessante idéia da ‘espera do inesperado’, em que esse sujeito, porque fixado em sua cotidianidade, seria portador da espera de algo extraordinário, que traria o deslumbramento.

Deste modo, é preciso que primeiramente esteja esse sujeito imerso em um hábito, o contínuo da vida de todos os dias, com suas ações que, de tão repetidas, já não são portadoras de significado. Apenas nesta situação de “segurança” e continuidade pode emergir um inesperado descontínuo, capaz de romper com todo esse ‘mesmo’ instaurando um ‘outro’, capaz de transformar o olhar do sujeito e colocá-lo em contato intenso com um objeto que até então lhe era despercebido.

Entretanto, o impacto dessa apreensão estética, a maneira inesperada com que irrompe, faz com que o sujeito chegue mesmo a se fundir com o objeto, perdendo já seus contornos de sujeito, uma vez que ele classicamente se constitui como sujeito em falta, como aquele que está disjunto do objeto e por isso deve persegui-lo.

Interessantemente, a fusão com o objeto instaura uma aniquilação da falta e então uma outra falta de sentido, obrigando o momento da apreensão estética, este momento – feliz – de fusão, a ter uma duração bastante breve. Assim, cumprindo um percurso que vai desde uma falta de sentido até a aniquilação do sentido pelo seu excesso, se assim podemos dizer, o sujeito se vê novamente no estágio anterior à ocorrência do evento estético, mas já não é mais o mesmo: toma consciência do que lhe ocorreu, do momento de perfeição a que teve acesso, ainda que por breves instantes, e nada mais lhe é possível que a nostalgia do que passou e uma nova espera pela irrupção de outro inesperado, que lhe traga nova conjunção.

II. PRESENÇA

As noções de ‘presença’ e ‘campo de presença’ são oriundas mais de um discurso filosófico que propriamente semiótico, embora tenham adquirido grande importância para a teoria que considera a tensividade. Campo de presença diz respeito à fenomenologia de Merleau-Ponty, que coloca em evidência a percepção do sujeito na sua própria construção e na construção do objeto.

Sabe-se bem que o sujeito semiótico é marcado por suas oscilações, uma vez que é um sujeito sensível. Habitando um mundo que não cessa de se transformar, em que as dimensões de tempo, espaço e matéria não são jamais fixas, deve o sujeito encontrar uma maneira de se colocar e apreender este mundo.

Dizem Claude Zilberberg e Jacques Fontanille :

O ‘eu’ semiótico habita um espaço tensivo, ou seja, um espaço em cujo âmbito a intensidade e a profundidade estão associadas, enquanto o sujeito se esforça, a exemplo de qualquer vivente, por tornar esse nicho habitável, isto é, por ajustar e regular as tensões, organizando as morfologias que o condicionam.(2001, p.128)

‘Tornar esse nicho habitável’ significaria talvez, dentro de sua condição de sujeito oscilatório, a busca por uma identidade ainda não fixada. Além disso, se aquilo que o faz oscilar são presenças que irrompem – ou mesmo que poderiam irromper – tem-se ainda outro ponto a investigar.

A Semiótica tensiva coloca em jogo essa noção “pela pressuposição recíproca entre, por um lado, o ‘campo de presença’, considerado como o domínio espaço-temporal em que se exerce a percepção, e, por outro, as entradas, as estadas, as saídas e os retornos que, ao mesmo tempo, a ele devem seu valor e lhe dão corpo.” (2001, p.125)

Consideram-se então os modos de presença em relação a actante, espaço e tempo, o que colocará em foco mais uma vez a “surpresa”, já antes mostrada na apreensão estética em *Da Imperfeição*. A seguir, vemos um quadro presente em *Tensão e Significação* que resume dois tipos de presença: a realizada e a virtualizada e suas disposições resultantes:

		Presença Realizada	Presença Virtualizada
EGO	PdV do sujeito	espantado	habitado
	PdV do objeto	novo	antigo
AQUI		próximo	distante
AGORA		atual	ultrapassado

Desse modo, poderíamos colocar a ocorrência da apreensão estética como a realização de uma presença que irrompe, uma vez que o sujeito encontra-se espantado diante de um objeto que se constitui como novo. Tudo está tão próximo que chega mesmo à fusão e a um tempo que de tão atual chega por vezes a se suspender.

III. O ACONTECIMENTO

Atualmente, nos estudos semióticos, muito se fala em acontecimento, principalmente seguindo as proposições de Claude Zilberberg. O próprio autor nos lembra que não se trata de um pensamento novo ou inédito², mas ainda assim, pensar o acontecimento e trazê-lo à tona parece bastante frutífero para os estudos do sentido.

Tal conceito vem tomando uma posição importante dentro da obra do autor, que já consagrou diversos artigos e até mesmo um capítulo de seu livro *Eléments de Grammaire Tensive* (2006) ao tema.

Mas o que significa o acontecimento? Quando falamos em acontecimento, a que tipo de acontecimento estamos nos referindo? Em que ele difere de um fato? Segundo Claude Zilberberg,

O acontecimento é o correlato hiperbólico do fato, do mesmo modo que o fato se inscreve como diminutivo do acontecimento. Este último é raro, tão raro quanto importante, pois aquele que afirma sua importância eminente do ponto de vista interno afirma, de forma tácita ou explícita, sua unicidade do ponto de vista extensivo, ao passo que o fato é numeroso. (2007, p.16)

Assim, o autor trabalha o acontecimento a partir da definição de três modos: modo de eficiência, modo de existência e modo de junção. O modo de eficiência relaciona-se

² “Mas – é necessário dizê-lo? – o pensamento do acontecimento é muito mais antigo do que a linguística e a semiótica.” (ZILBERBERG, 2006, P.138)

com o campo de presença, que já comentamos brevemente, na medida em que o “modo de eficiência designa a maneira pela qual uma grandeza se instala num campo de presença.” (2007, p.18) Pode-se operar por meio do **sobrevir** ou do **pervir**³, considerando o **sobrevir** como a carga de inesperado que irrompe surpreendendo o sujeito, enquanto o **pervir** seria o caminho trilhado pelo sujeito até chegar ao seu destino, se assim podemos dizer.

Já os modos de existência são dependentes dos modos de eficiência e se designam como **foco** e **apreensão**. Estamos outra vez diretamente ligados ao que comentamos no capítulo “Presença”.

Sendo os modos de existência solidários do estado de surpresa do sujeito, devemos dizer, do sujeito espantado que satura de alguma forma o processo, o sujeito apreende e é ele mesmo apreendido por aquilo que o apreende, pois apreender um acontecimento, um sobrevir, é, antes de tudo, e talvez principalmente, ser apreendido pelo sobrevir. (2007, p.22)

Por fim, os modos de junção comportam a implicação e a concessão, sendo a primeira guiada pela lógica do “se **a** então **b**”, enquanto a segunda é formulada como “embora **a**, entretanto **b**”.

Assim, o acontecimento se estrutura pelo sobrevir, a apreensão e a concessão, como resumimos no quadro abaixo:

	Exercício	Acontecimento
Modo de eficiência	Pervir	Sobrevir
Modo de existência	Focalização	Apreensão
Modo de junção	Implicação	Concessão

Além disso, cabe lembrar que a teoria de Zilberberg é amplamente fundamentada nos conceitos de intensidade e extensidade, sendo a intensidade a dimensão do sensível, que comporta andamento e tonicidade enquanto a extensidade, dimensão do inteligível, traz em si os parâmetros da temporalidade e espacialidade.

O acontecimento designa-se então por um sobrevir, um inesperado que irrompe surpreendendo o sujeito, desestabilizando-o e obrigando-o a lidar com altos índices de intensidade. Porque concessivo e porque solidário do sobrevir, o acontecimento tem como andamento a extrema aceleração, além da alta tonicidade que marcará o sujeito: “conduzido por um **andamento** rápido demais para o sujeito, o acontecimento leva o sensível à incandescência e o inteligível à nulidade”⁴. (2006, p.160)

Ora, não seria também esse sobrevir - tão fundamental e mesmo presente na base do acontecimento - correspondente à fratura, um dos desencadeadores do momento estético de Greimas? Podemos dizer que a apreensão estética é uma espécie de acontecimento, tendo comportados ali todos os seus elementos. A fratura se constitui no sobrevir concessivo, a apreensão está presente em ambos e o tempo suspenso, que na apreensão estética volta como nostalgia, Zilberberg explica-o como a necessidade de um ganho em inteligibilidade, ou seja, em extensidade:

³ No original, os termos são *survenir* e *parvenir*. Embora a excelente tradução de Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz coloque o termo ‘conseguir’ para ‘parvenir’, optamos neste trabalho por ‘pervir’ como vêm preferindo Luiz Tatit, Waldir Bevidas e Ivã Carlos Lopes.

⁴ Agradecemos Luiz Tatit, Waldir Bevidas e Ivã Carlos Lopes por terem cedido a tradução provisória de *Eléments de Grammaire Tensive*.

o acontecimento não pode ser **apreendido** senão como afetante, como perturbador; ele suspende momentaneamente o curso do tempo, mas nada nem ninguém conseguiria impedir que o tempo retome logo seu curso e que o acontecimento entre insensivelmente nas vias da potencialização, isto é, primeiramente na memória, depois na linha do tempo da história, de modo que, a grosso modo, o acontecimento ganhe em lisibilidade, em inteligibilidade o que ele perde insensivelmente em intensidade. (2006, p. 142)

IV. O ACIDENTE

Em *Les Intéractions risquées*, publicado também em 2006, Eric Landowski propõe quatro tipos de interações, partindo sempre das esquematizações narrativas já existentes e visando ampliá-las com novos instrumentos de descrição. Assim, ele vai propor as interações entre sujeitos e entre sujeito e objeto como quatro regimes: a programação, a manipulação, o ajustamento e o acidente. Tais regimes constituem-se ainda como maneiras de estar no mundo e focaremos aqui principalmente o acidente, lembrando ainda que o compromisso de Landowski está relacionado à possível contribuição da semiótica com fatores antropológicos e sociais.

Landowski dialoga diretamente com *Da Imperfeição*, mostrando que o livro estabelece relações com os quatro regimes de interação que ele desenvolve, mas já se contrapondo ao “princípio de ordem” de Greimas. Este colocava o contínuo como ponto de partida, ou seja, o sujeito entediado, dessemantizado que através de um inesperado – uma descontinuidade – chega a um outro momento. Landowski chega a propor o contrário, não apenas o mundo daquilo que chamará programação, mas o mundo caótico, descontínuo, da ordem do acidente, dos cataclismas, dos terremotos, dos riscos puros. Não é nosso objetivo nos estendermos em todos os regimes, mas cabem algumas observações não apenas sobre o acidente como também sobre a programação.

Em uma bela passagem, o autor coloca o tédio e a dor como dois extremos do não-sentido, sugerindo que o próprio sentido – e nossa condenação a ele, como já colocava Greimas – pode ser conquistado a partir desse não-sentido:

Em princípio o tédio, este estado de alma para o qual o mundo, vazio de sentido, de interesse, de valor, dá a impressão de estar ausente e ou, correlativamente, o sujeito permanece prostrado no sentimento de sua própria incapacidade de existir. Em seguida a experiência da dor, em que todo o universo parece se acumular dentro dos limites do corpo próprio, sob a forma de uma presença invasora, a do mal que faz questão de nos atormentar, e isso de um modo ainda mais insuportável por nos parecer sem sentido. (2006, p.10)

Se estamos todos entre o tédio e a dor, e o tédio se coloca por vezes como regime de programação, fica bastante evidente que o sujeito imerso na cotidianidade, que Greimas aponta em seu livro, é um sujeito programado. Indo mais longe, diríamos que somente o acidente poderia arrancar o sujeito de sua programação, uma vez que é o acidente “a afirmação do termo negativo da categoria cuja *programação* representa o termo positivo”. (2006, p.63)

Assim, o autor vê mais de perto que funções o acaso pode assumir no caso do acidente. Explica ele que uma vida pautada na ‘espera do inesperado’, como dizia Greimas, não parece de grande valia uma vez que, embora o acaso, o inesperado de uma apreensão estética seja na maioria das vezes eufórico, nem todo acaso e acidente são felizes, podendo ainda ser extremamente disfóricos e catastróficos.

O acaso enquanto actante também se mostra problemático, uma vez que não se pode falar de acaso enquanto auto-destinador (por não ter nenhum outro destinador que o comandasse), já que o acaso também não se auto-comanda como um sujeito que é destinador de si próprio. O acaso simplesmente realiza-se, surgindo como imanência e transcendência absoluta. (2006, p.68) Dessa forma, o acaso assume uma posição de actante curinga (*actant Joker*), pois que “seu papel é, na verdade, não ter papel algum, ou melhor, poder desempenhar todos, indiferentemente.” (2006, p.71)

Como aponta Jean C. Portela (s/d) a propósito do modelo de Landowski, “introduzir a lógica do **arriscado/acidental** e do **partilhado/ajustado** equivale a desengessar o esquema narrativo, humanizando-o, tornando-o sensível à imperfeição, à inconstância, e também à comunhão, à experiência de fusão.” Como podemos ver, estamos mais uma vez diretamente ligados ao *Da Imperfeição*, de Greimas, além das relações estreitas que podemos estabelecer com o acontecimento de Zilberberg, uma vez que falar em semiótica do acontecimento, ou semiótica do acidente, é colocar em pauta uma outra ordem, diferente daquela que vem delineando grande parte das análises de texto que se utilizam apenas do percurso narrativo de Greimas.

V.CONCLUSÃO

Tendo como ponto de partida o livro de Greimas, passamos por diferentes conceitos teóricos ao longo deste artigo. Podemos perceber que mesmo dois teóricos que se colocam em posições bastante distintas, como Claude Zilberberg e Eric Landowski, com seus objetivos particulares, estabelecem relações entre si e têm uma base greimasiana forte.

Se Zilberberg propõe a semiotização do acontecimento através de estruturas tensivas, Landowski vê de perto o acidente a partir da ocorrência do acaso. Vemos que o inesperado tornou-se centro e não mais apenas fator de uma ocorrência.

Percebemos então que, se a semiótica atual dá às vezes a impressão de se perder com a pluralidade de conceitos e teorias, na realidade continua sendo aquela semiótica de Greimas, não outras semióticas, mas outros desenvolvimentos da teoria que são absolutamente necessários, conforme avança o tempo e surgem novas preocupações e desafios.

A esta altura, poderíamos então perguntar: mas para que tantos outros conceitos se todos eles se relacionam estreitamente com os de Greimas? Não estaríamos deixando a economia do modelo, tão fundamental para a construção da teoria?

A resposta parece simples e é dada em parte pelos próprios autores que comentamos. O livro de Greimas, tão marcante para o desenvolvimento da semiótica, para além de tudo aquilo que veio a influenciar, desenvolve muito bem um tipo de ocorrência: o evento estético. Com tais elementos é possível descrever satisfatoriamente as apreensões estéticas, entretanto, outros tipos de evento não conseguem ser contemplados apenas com o que é exposto em *Da Imperfeição*.

Claude Zilberberg e Eric Landowski, cada um a seu modo, conseguem ir mais adiante e dar conta de outros tipos de texto e de ocorrência, uma vez que desenvolveram o modelo seguindo seus propósitos.

Assim, parece-nos que a economia do modelo não está ameaçada mas, ao contrário, poderíamos dizer que está mesmo preservada, uma vez que o salto em abstração, nos conceitos verificados, permite abarcar com um mesmo inventário um número maior de textos.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, G. **A Intuição do Instante**. Trad: Antonio de Padua Danesi. Campinas, SP: Versus Editora, 2007.
- FONTANILLE, J. & ZILBERBERG, C., **Tensão e Significação**. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial/ Humanitas, 2001.
- GREIMAS, A. **Da Imperfeição**. Trad. A .C. Oliveira. São Paulo: Hacker, 2002.
- LANDOWSKI, E. “De l’imperfection, o livro de que se fala”. In: Greimas, A. **Da Imperfeição**. Trad. A .C. Oliveira. São Paulo: Hacker, 2002.
- _____. « Les interactions risquées » In : *Nouveaux Actes Sémiotiques*, n. 103-105. Limoges : Presses Universitaires de Limoges, 2006.
- PORTELA, J.C. “Semiótica narrativa e geração de sentido”. Xerocópia de trabalho ainda não publicado.
- ZILBERBERG, C. Louvando o acontecimento. **Revista Galáxia**. Trad. Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz. São Paulo, n.13, jun.2007
- _____. **Eléments de grammaire tensive**. Limoges: PULIM, 2006.